

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



A PEDRA LASCADA NOS *THOLOI* DO BAIXO ALENTEJO INTERIOR: NOTAS PRELIMINARES DE CASOS DE ESTUDO

Ricardo Russo¹, Ana Catarina Sousa²

RESUMO

O presente artigo pretende analisar em termos quantitativos e qualitativos a indústria lítica dos monumentos tipo *tholos* do Baixo Alentejo Interior. Analisa-se a pedra lascada dos monumentos com material inventariado na década de 1950 nesta área pela equipa de Abel Viana e os Serviços Geológicos de Portugal, depositados no Museu Geológico e Museu Nacional de Arqueologia. Será ainda o estudo possível relativo à indústria lítica dos monumentos tipo *tholos* recentemente escavados e publicados, comparando analiticamente com os resultados dos monumentos anteriores.

Palavras-chave: Indústria lítica, Pedra lascada, *Tholoi*; Baixo Alentejo Interior.

ABSTRACT

The present work aims to analyse, in quantitative and qualitative terms, the lithic industry (more specifically the chipped stone tools) of the *tholos* like monuments of the Baixo Alentejo Interior (lower interior of the Alentejo). The chipped stone of the monuments will be analysed with material inventoried in the 1950's from this area by Abel Viana's team and the Serviços Geológicos de Portugal, nowadays in Geology Museum and National Archaeological Museum. The possible study of the lithic industry of the recently excavated and published *tholos* like monuments will be made, comparing them analytically with the results of the previous monuments.

Keywords: Lithic industry, Flaked stone tools, *Tholoi*, Baixo Alentejo Interior.

o. OBJECTIVOS

O presente artigo procura efectuar uma leitura de conjunto da indústria de pedra lascada dos monumentos tipo *tholos* no Baixo Alentejo Interior, compreendendo os concelhos onde estão documentados *tholoi*: Ferreira do Alentejo, Beja, Serpa, Aljustrel e Ourique.

Este estudo integra-se na tese de mestrado do primeiro signatário e na linha de investigação dedicada aos *tholoi* da segunda signatária (Sousa, 2016), tendo como principal objectivo efectuar uma análise integrada dos dados de antigas escavações em confronto com as novas pesquisas, fundamentalmente decorrentes da arqueologia preventiva (Figura 1).

Dos monumentos intervencionados pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal na década de 1950,

foi possível realizar o estudo da indústria lítica dos *tholoi* com espólio depositado no Museu Nacional de Arqueologia e, maioritariamente, no Museu Geológico. Para os restantes sítios, será efectuada uma análise comparativa relativa à pedra lascada descrita nas publicações.

1. HISTÓRIA DAS PESQUISAS

Na região de Baixo Alentejo Interior conservam-se 15 monumentos, localizando-se administrativamente em Serpa (2), Aljustrel (1), Beja (2), Ourique (4), Ferreira do Alentejo (4). Podemos considerar genericamente duas grandes fases da pesquisa: uma fase inicial em meados do século 20 (9) e uma fase mais recente, já do século 21 (6).

1. Mestrando de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; ricardorusso90s2@hotmail.com

2. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; sousa@campus.ul.pt

Topónimo	CNS	Localização administrativa	Data	C14	Museu	Bibliografia (ordem cronológica)
Centirã 2	28756	Serpa	2006, 2007, 2011	X	CMS	Henriques, <i>et al.</i> , 2013
Monte da Velha 1	12176	Serpa	1982	X	JFF	Soares, 2008.
Monte do Outeiro	4092	Aljustrel	1961		MG	Viana <i>et al.</i> , 1961; Schubart, 1965
Monte das Pereiras	3545	Beja	1960			Serralheiro e Andrade, 1961
Quinta do Estácio 6	34405	Beja	2013			Valera <i>et al.</i> , 2013
A-dos-Tassos	4028	Ourique	1960		MG	Viana <i>et al.</i> , 1961; Martins, 2014
Malha Ferro	3093	Ourique	1958		MG	Martins, 2014; Viana <i>et al.</i> , 1960
Cerro do Gatão	4124	Ourique	1960		MG	Viana, 1959; Martins, 2014
Monte Velho	1065	Ourique	1957		MG	Viana, 1959; Martins, 2014
Barranco da Nora Velha	3894	Ourique	1959, 1996		MRB	Martins, 2014; Viana, 1959; Viana, 1960
Amendoeira Nova		Ourique	1959		MRB	Viana, 1959
Monte do Cardim 6	31433	Ferreira do Alentejo	2008, 2009			Valera, 2010; Valera <i>et al.</i> , 2013
Horta do João da Moura 1	31813	Ferreira do Alentejo	2008, 2010			Valera, 2010; Valera <i>et al.</i> , 2013
Monte do Pombal 1	21951	Ferreira do Alentejo	2009-2010			Valera, 2010; Valera <i>et al.</i> , 2013
Folha de Amendoeira	4046	Ferreira do Alentejo	1952		MNA	Viana, 1953

MG – Museu Geológico; MNA – Museu Nacional de Arqueologia; MRB – Museu Regional de Beja; CMS – Câmara Municipal de Serpa; JFF – Junta de Freguesia de Ficalho. A negrito os monumentos estudados.

Tabela 1 – Lista dos *tholoi* do Baixo Alentejo Interior.

1.1. As escavações de Abel Viana e dos Serviços Geológicos

A primeira etapa das pesquisas decorreu em meados do século 2 por O. da Veiga Ferreira, Abel Viana, Ruy Freire de Andrade e António Serralheiro. A génese das pesquisas desta equipa está relacionada com os levantamentos geológicos de Aljustrel, Castro Verde e Ourique pelos Serviços Geológicos e pela empresa concessionária das minas de Aljustrel entre 1956 e 1959 (Martins, 2014).

Esta equipa identificou e escavou um conjunto de nove *tholoi*: Malha Ferro, Monte Velho 1, Amendoeira Nova (ou Colos), A-dos-Tassos, Cerro Gatão e Nora Velha, na zona Ourique, Monte do Outeiro e Monte das Pereiras em Beja e ainda Folha da Amendoeira em Ferreira do Alentejo (Viana, 1959; Viana, 1960; Viana, 1961). A análise historiográfica destas campanhas tem vindo a ser abordada por A. Martins (Martins, 2014) e C. T. Silva (Silva, 1987; 2008).

Apesar de lacunas metodológicas na escavação destes monumentos, os trabalhos desta “brigada” (nas palavras do próprio Abel Viana), constitui enorme contribuição para a compreensão do megalitismo, não apenas no Baixo Alentejo, onde os monumentos de tipo *tholos* eram até então desconhecidos, mas em todo o Sudeste da Península (Viana, 1959; Viana, 1960; Viana, 1961).

Dos referidos monumentos, foi possível realizar

o estudo da indústria lítica dos monumentos com espólio depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Folha da Amendoeira) e, maioritariamente, no Museu Geológico (Malha Ferro, Monte Velho 1, A-dos-Tassos, Cerro do Gatão e Monte do Outeiro).

1.2. Os novos trabalhos de arqueologia preventiva

A partir dos finais anos 90 a maior parte das intervenções em *tholoi* decorreram de arqueologia preventiva, principalmente no âmbito do projeto do Alqueva. Na última década, no âmbito da arqueologia preventiva foram identificados os seguintes monumentos de tipo *tholos* na área em estudo: Centirã 2 em Serpa (2006-2011) (Henriques *et al.*, 2013); Horta de João Moura (2011-2012) –; Monte do Cardim 6 (2005-2006) –; Monte do Pombal 1 em Porto Torrão; Quinta do Estácio 6 (2013) em Beja (Valera *et al.*, 2013). Dos monumentos referidos, a maioria não foi ainda alvo de publicação, sendo apenas mencionados em artigos de síntese e nos relatórios depositados no Arquivo da Arqueologia Portuguesa (DGPC) não apresentam informação detalhada sobre o espólio. No presente artigo apenas faremos referência aos monumentos com mais informação disponível – Monte da Velha 1 (Soares, 2008), Centirã 2 (Henriques *et al.*, 2013) e Monte do Cardim 6 (Valera *et al.*, 2013). (Figuras 2 e 3).

2. NATUREZA DA INFORMAÇÃO

No que respeita às investigações de Abel Viana e dos Serviços Geológicos de Portugal o registo de campo é muito incompleto, mesmo aferindo com as práticas de meados do século 20. Frequentemente os monumentos foram registados após a sua destruição, pelo que as plantas publicadas são meramente indicativas. Também a recolha de material (deposições funerárias e espólio) parece não ter sido exaustiva em alguns casos. Existem ainda alguns problemas de registo, uma vez que alguns materiais que se encontravam depositados no Museu Geológico não constavam na publicação e vice-versa (materiais que estavam publicados não constavam das reservas).

2.1. Folha da Amendoeira (Viana, A., 1953)

Monumento identificado e estudado por Abel Viana e Serviços Geológicos, no ano de 1952, quando a lavra de um terreno da Folha da Amendoeira, na herdade do Monte do Outeiro, trouxe à superfície algumas pedras e alguns ossos humanos (Viana, 1953). A estrutura arquitectónica do monumento já se encontrava destruída, tendo sido reconstituída mediante descrições do proprietário. Apresentaria câmara e corredor ortostático e cúpula de alvenaria (Sousa, 2016: tipo 1.1.), o mais frequente no Baixo Alentejo Interior.

Apenas se recuperaram os materiais recolhidos pelo proprietário, sendo provável que a recolha não tenha sido exaustiva. A. Viana encontra paralelos almerienses com as cerâmicas de Folha da Amendoeira, nota a ausência de contas de colar e pontas de seta e, pelo contrário, uma abundância notável de placas de xisto gravadas.

Apesar do sítio não ter sido directamente escavado por A. Viana, este refere mais de uma centena de esqueletos humanos, estimativa que não pareceu exagerado aos investigadores deste monumento, uma vez que no local restava ainda grande quantidade de espólio osteológico. De referir ainda, os 12 indivíduos desacompanhados de espólio, registados na parte exterior do monumento, a Nascente.

Abel Viana conclui que este monumento deveria pertencer ao Calcolítico pleno afirmando que “*este monumento aparece como ponto de ligação entre estações algarvias e outras da mesma cultura na zona da foz do Tejo*” (Viana, 1953, p. 262).

Os recentes trabalhos de arqueologia preventiva permitem compreender melhor o posicionamento

de Folha da Amendoeira, situado na periferia do recinto de fossos de Porto Torrão e está associado a um conjunto de outros *tholoi* identificados recentemente: Monte do Pombal 1, Monte do Cardim 6 e Horta do João Moura 1 (sepulcro 1, 2 e 3), bem como a outra tipologia de sepulcros (Valera, 2010).

Em Ferreira do Alentejo, a presença de *tholoi* e outros sepulcros na periferia de Porto Torrão, mais propriamente no vale da Ribeira do Ouro encontra paralelos com implantação semelhante aos monumentos (3 sepulcros tipo *tholoi* e possivelmente outros – Valera e Godinho, 2009) e em Alcalar (18 *tholoi*, Moran, 2014). É particularmente significativo o núcleo de três *tholoi* identificados em Horta do João Moura (Ferreira do Alentejo), corroborando o conceito de necrópole-periferia uma vez que “*a quantidade, proximidade e técnica construtiva parece indicar alguma semelhança com o núcleo de Alcalar*” (Sousa, 2016, p. 278).

2.2. Monte Velho 1 (Viana, A.; Andrade, R. F.; Ferreira, O. da V.; 1959)

Este monumento foi escavado no ano de 1957 em apenas três dias (Viana, Andrade, Ferreira, 1959).

O monumento apresenta planta de câmara e corredor ortostático, não existindo informação sobre a cúpula, possivelmente de alvenaria (Sousa, 2016: tipo 1.1.). Apresentava mamoa com dois anéis pétreos.

O espólio é constituído maioritariamente por material lítico (lâminas, pontas de seta, machados de pedra polida) contas discoides e placas de xisto gravadas.

2.3. Malha Ferro (Viana, A.; Ferreira, O. da V.; Andrade, R. F. de; 1960)

Escavado em seis dias (1958), a publicação de Malha Ferro (Viana, Ferreira, Andrade, 1960) conta apenas com a descrição arquitectónica do monumento, com escassas informações sobre os contextos. Apresenta planta de câmara e corredor ortostáticos (Sousa, 2016: tipo 1.1.).

Relativamente à escassa cultura material registada, apenas se faz referência aos materiais encontrados, sem descrição ou detalhe adicional. No entanto, os autores dão ênfase a um vaso quase completo, salientando paralelos com monumentos almerienses. Neste sepulcro foram recolhidos onze esqueletos humanos, referindo-se o mau estado de conservação, pelo que nenhum foi submetido a estudo antropológico. Na publicação apresentam-se representações gráficas das inumações na planta do monumento.

2.4. Cerro do Gatão e A-dos-Tassos (Viana, A.; Andrade, R. F. de; Ferreira, O. da V.; 1961)

Escavados em apenas quatro dias (Cerro do Gatão em 1960 e A-dos-Tassos no ano de 1961), e publicados em conjunto (Viana, Andrade, Ferreira, 1961), acerca destes monumentos apenas se registou o (pouco) espólio – fotografias e descrição detalhada –, a sua arquitetura, incluindo as respetivas plantas. Cerro do Gatão e A-dos-Tassos, possuem técnica construtiva diferente dos monumentos do mesmo tipo encontrados na região de Ourique. Apresentam câmara de alvenaria e corredor misto (Sousa, 2016: tipo 1.4), com cúpula semelhante ao monumento nº7 de Alcalar e até dos grandes monumentos de Almizaraque. A galeria curta, apresenta paralelos com as de Los Millares II. Entre o escasso espólio, regista-se a pedra lascada.

2.5. Monte do Outeiro (Viana *et al.*, 1961; Schubart, H., 1965)

O monumento do Monte do Outeiro (Viana, Ferreira, Andrade, 1961; Schubart, 1965) foi descoberto e escavado pelo proprietário depois de danificadas as lajes superiores da abóbada da câmara com um tractor. Após a intervenção de António de Castello Branco (Diretor dos Serviços Geológicos de Portugal) os trabalhos arqueológicos decorreram sob direcção de Abel Viana (1961), O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade. Apesar do monumento se encontrar parcialmente destruído, foi possível realizar a reconstituição da planta, assim como avançar com alguns detalhes construtivos. Apresenta câmara e corredor ortostático, cúpula de alvenaria (Sousa, 2016: tipo 1.1.). O *tumulus* é representado com anel pétreo exterior, tipo fachada.

Da cultura material do *tholos* do Monte do Outeiro, deve referir-se uma grande lâmina de rocha siliciosa, de grão fino, semelhante às de Alcalar, assim como o espólio cerâmico, quase na totalidade semelhante a essa estação algarvia. Destaque também para um vaso com decoração simbólica (decoração incisa) – representado por dois olhos “raizados”, tatuagem facial e a representação do sexo feminino – apresentando claras semelhanças com outros do mesmo tipo do Sudeste espanhol.

Destaca-se a presença de dois enterramentos na cripta em épocas muito distintas: “*Sobre um primeiro e mais antigo grupo de enterramentos se encontrava um outro mais moderno, e que ambos esses grupos pertencem à Idade do Cobre*” (Schubart, H.; 1965, p. 203). Nos enterramentos mais recentes, descobertos a uma profundidade de 0,80 m, o rito funerário utilizado foi o da inumação, que apesar da grande quantidade de espólio osteológico, dado o elevado nível de acidez dos solos e deterioração dos ossos, foi impossível a sua posterior análise apontando-se uma cronologia do Bronze Final. A primeira fase de enterramentos (possivelmente Calcolíticos), ocupando o chão da câmara e com concentração junto à passagem câmara/corredor, com um mínimo de cerca de 12 indivíduos proposto pelos escavadores.

2.6. Uma perspectiva geral

De modo a compreender diferenças e semelhanças arquitetónicas dos *tholoi* na região do Baixo Alentejo Interior, segue a seguinte análise, com base na tipologia proposta por Ana Catarina Sousa (2016, p. 219) – proposta que segue e complementa a de V. S. Gonçalves (1989).

Tipo	Monumentos Baixo Alentejo Interior
1.1. Câmara e corredor ortostático, cúpula de alvenaria:	Monte do Outeiro; Quinta do Estácio 6; A-dos-Tassos; Malha Ferro; Monte Velho; Nora Velha; Monte do Pombal 1; Folha da Amendoeira
1.2. Câmara totalmente em falsa cúpula, corredor ortostático:	Amendoeira Nova
1.3. Câmara totalmente em falsa cúpula e corredor tipo muro:	Monte do Cardim 6; Horta do João da Moura (sepulcro 1 e 2)
1.4. Câmara totalmente em falsa cúpula, corredor de aparelho misto (ortostático e alvenaria):	Centirã 2; Cerro do Gatão
1.5. Câmara ortostática, corredor ortostático, semi-subterrâneo mas sem evidências de cúpula:	Horta do João da Moura 1 (sepulcro 3)
1.5.1. Câmara ortostática, corredor ortostático, sem evidência de cúpula, com segmentação (porta)	Monte da Velha 1; Monte das Pereiras

Tabela 2 – Arquitectura dos monumentos de tipo *tholos* no Alentejo Interior.

Relativamente a monumentos compósitos, em associação a antas, apesar da presença no Alentejo, mais precisamente em Reguengos de Monsaraz, tal não se identificou até ao momento no Baixo Alentejo Interior.

Podemos identificar dois núcleos especialmente relevantes no Baixo Alentejo interior: Ourique e Ferreira do Alentejo. Em Ourique, todos os monumentos foram escavados por Abel Viana e pela equipa dos Serviços Geológicos. Em Ferreira do Alentejo, os seis *tholoi* identificados localizam-se na periferia de Porto Torrão.

No concelho de Ourique – exceptuando o monumento de Amendoeira Nova (com câmara total-

mente em falsa cúpula e corredor tipo muro) e Cerro Gatão (com câmara totalmente em falsa cúpula e corredor de aparelho misto) domina a técnica ortostática para construção da câmara e do corredor, com cúpula em alvenaria. Também os monumentos Monte do Pombal 1 e Folha de Amendoeira em Ferreira do Alentejo pertencem a esta tipologia, sendo esta a solução arquitetónica (1.1.) mais frequente no Baixo Alentejo. Foi com as novas intervenções da arqueologia preventiva que surgiram os primeiros monumentos de câmara e corredor em alvenaria, típicos da Estremadura portuguesa. O significado cultural e cronológico dessas diferenças arquitetónicas permanece por compreender.

SÍTIO	REF. LAB.	CONTEXTO	AMOSTRA	DATA	DATA CAL	DATA CAL	REFERÊNCIA
				BP	1 S	2 S	
CENTIRÃ 2	Sac-2791	U.E. 12	Osso humano	3940±50	2471-2291	2497-2204	Henriques, <i>et al.</i> 2013
	Sac-2790	U.E. 13	Osso humano	3900±45	2421-2215	2469-2205	
	Sac-2792	U.E. 14	Osso humano	3790±110	2340-2140	2457-2077	
	Sac-2782	U.E. 14	Osso humano	3760±70	2289-2135	2404-2058	
	Sac-2796	U.E. 12	Osso humano	3710±45	2193-2034	2273-1962	
	Beta-331980	U.E. 12	Osso humano	3690±25	2559-2462	2569-2349	
	Sac-2788	U.E. 7	Osso humano	3810±80	2155-1984	2179-1957	
	Sac-2789	U.E. 10	Osso humano	2950±80	1294-1048	1392-938	
MONTE DA VELHA 1	Beta-104027		Osso humano	3900±40	2465-2343	2479-2211	Soares, 2008

Tabela 3 – Datações absolutas de *tholoi* do Baixo Alentejo Interior.

Apenas estão disponíveis datações absolutas para dois dos *tholoi* do Baixo Alentejo Interior (Centirã 2, Monte da Velha 1), nenhuma para os monumentos em estudo. Esta lacuna é frequente em todos os *tholoi* do Centro e Sul de Portugal: apenas 13 dos 62 *tholoi* escavados apresentam datações absolutas, num total de 35 datas (cf. Sousa, 2016). Recentemente foi efectuada uma compilação de datas para os *tholoi* do Sul da Península Ibérica (Lozana e Aranda, 2017), que registou sete monumentos datados em Espanha, mas o inventário do universo português está incompleto. Destaque para alguns monumentos com séries longas de datações como Barranquete 11, Centirã 2 (Henriques *et al.*, 2013) e Montelírio (Flores *et al.*, 2016). Para os novos trabalhos arqueológicos relacionados com a arqueologia preventiva, a obtenção de datações é muito residual. Aliás, apenas os monumentos estudados com A. Monge Soares foram datados (Centirã 2 e Monte da Velha 1). Para além da questão do financiamento existem alguns constrangimentos

ao nível da conservação da matéria-orgânica, nos solos ácidos do Alentejo.

Apesar destas lacunas, podemos genericamente integrar os monumentos de tipo *tholoi* no 3º milénio. São escassos os contextos com datações de finais do 4º milénio (Pai Mogo, Olival da Pega 2b). Também no estudo global efectuado para o Sul Peninsular se regista uma cronologia idêntica para o início dos *tholoi*, com as datas mais antigas em Los Millares 11, El Barranquete 7, Huerta Montero, Olival da Pega 2b. Regista-se ainda a presença frequente de reocupações no Bronze final.

Podemos assim considerar que os monumentos em estudo se integram genericamente no 3º milénio, no Calcolítico. Contudo, 1000 anos pode ser demasiado para uma análise de conjunto. No caso dos monumentos do Baixo Alentejo Interior existem claramente monumentos possivelmente mais antigos, como Folha de Amendoeira, com um número considerável de placas de xisto gravadas, devendo

por esse motivo integrar-se na primeira metade do 3º milénio, possivelmente ainda no primeiro quartel. Outros apresentam seguramente uma cronologia evoluída, como é o caso de Centirã 2, cujas oito datações indicam uma cronologia evoluída no 3º milénio (Henriques *et al.*, 2013), seguramente da segunda metade do 3º milénio.

3. A PEDRA LASCADA NOS THOLOI DO BAIXO ALENTEJO INTERIOR

Proceder ao estudo da indústria lítica de monumentos funerários é de todo diferente do estudo destes materiais em contexto de povoado, quer em termos de economia das matérias-primas quer das categorias tecno-tipológica, existindo mesmo utensílios que surgem quase exclusivamente em povoados e outros, como as alabardas e dardos, que surgem maioritariamente em necrópoles.

Tratando-se de necrópoles colectivas, torna-se difícil estabelecer correlações directas entre inumações e espólios votivos, dificuldade ainda mais ampliada no caso de trabalhos arqueológicos antigos com registo de campo deficiente. A má preservação da matéria orgânica e/ou a ausência de estudos antropológicos também dificulta a leitura, não sendo possível determinar eventuais associações de género, etária. . .

Uma vez que a totalidade do espólio se apresenta em estado pleno de debitagem, não é possível a aferição

da cadeia operatória de per si, sendo necessário proceder a uma leitura global, não apenas com os povoados da região como também na esfera supra-regional, uma vez que a maior parte das matérias-primas têm origem exógena. O significado da presença de grandes produtos debitados em sílex é certamente distinto na Estremadura, onde a sua obtenção é local ou regional, ou no Alentejo Interior, onde a origem seria certamente extra-regional.

3.1. Leitura geral

Em termos globais, podemos considerar que os conjuntos de pedra lascada depositados nos *tholoi* do Baixo Alentejo são muito escassos (Tabela 4).

Em nove monumentos registam-se apenas 102 artefactos, registando-se vários *tholoi* apenas com um artefacto de pedra lascada (Malha Ferro, Cerro Gatão, Centirã 2), contrastando de alguma forma com o *tholos* de Monte do Cardim 6, com 36 artefactos.

A escassez de material pode ter várias explicações: tipo de recolha, cronologia ou número mínimo de indivíduos.

Nas escavações antigas o tipo de recolha pode ter sido selectivo, particularmente nos casos em que os monumentos foram registados após a sua destruição como Folha de Amendoeira e Monte do Outeiro ou nas escavações efectuadas em poucos dias (cf. Martins, 2014).

	Lamela	Lâmina	Ponta seta	Trapézio	Micro-buril	Total
Folha da Amendoeira	0	13	0	0	0	13
A-dos-Tassos	1	5	0	0	0	12
Cerro Gatão	0	1	0	0	0	1
Monte do Outeiro	0	1	1	0	0	2
Monte Velho	0	12	2	0	0	14
Malha Ferro	0	2**	0	1	0	1
Centirã 2	0	0	1	0	0	1
Monte da Velha 1	0	4	0	0	0	4
Monte do Cardim 6	0	1	34	0	1	36
Barranco da Nora Velha	0	14	3	5	0	22
Total	1	53	41	6	1	102

Tabela 4 – Pedra lascada dos *tholoi* do Baixo Alentejo Interior*.

* Dados disponíveis no MNA, MG, bibliografia ou relatórios / ** Apenas disponível na bibliografia

Os dados fornecidos pelas escavações recentes confirmam contudo esta baixa frequência de materiais arqueológicos, sendo particularmente significativo o caso de Centirã 2 onde apenas se recolheu uma ponta de seta ou Monte da Velha 1 com quatro pontas de seta.

Comparativamente com outros *tholoi* publicados no Sul de Portugal, os monumentos do Baixo Alentejo Interior registam uma menor densidade de espólio votivo. Devem ser destacados conjuntos como o *tholos* Olival da Pega 2b (Reguengos de Monsaraz), onde se recolheu um importante conjunto de materiais líticos: 123 lâminas, duas lamelas, 29 pontas de seta, uma ponta de dardo, duas alabardas, uma lasca de sílex (Gonçalves, 1999, p. 94). Também os sepulcros dos Perdigões apresentam um conjunto considerável de artefactos de pedra lascada (Mendonça e Carvalho, 2016), incluindo 98 lâminas e 381 foliáceos (285 pontas de seta no monumento 1 e 93 no monumento 2, três alabardas). O caso recente de Montelírio assume uma componente quase “barr-roca” incluindo peças com elevado investimento de tempo e trabalho, como o punhal e pontas de seta em cristal de rocha ou as pontas de seta “alcalarenses” (Fernandez, Garcia e Zorita, 2016). Deve contudo ser salientado que os referidos *tholoi* com abundante espólio lítico se enquadram numa fase recuada do 3º milénio, na primeira metade.

Considerando os casos citados, podemos aventar a hipótese de uma correlação crono-cultural na frequência e tipo de artefactos de pedra lascada votivos. É na transição 4º / primeira metade do 3º milénio que se regista a presença de abundantes materiais líticos, incluindo itens artefactuais exclusivos de necrópoles, como as alabardas, praticamente ausentes dos povoados (cf. Sousa, 2005). A circulação do sílex para o Alentejo é essencialmente com destino funerário, sendo escassos os materiais em povoados (Sousa e Gonçalves, 2012). Montelírio, Olival da Pega 2b ou Perdigões são exemplos destas práticas votivas. Na segunda metade do 3º milénio existe uma quebra da importância dos materiais líticos, emergindo as cerâmicas campaniformes e outros artefactos do denominado “pacote”, como as pontas metálicas ou os botões. Centirã 2 corresponde a um caso paradigmático desta tendência.

Podemos também colocar a hipótese dos monumentos do Baixo Alentejo Interior terem um número inferior de inumações. A informação disponível parece indicar que os monumentos em estudo apre-

sentavam um escasso número de inumações: para Monte do Outeiro referem-se 12 enterramentos e em Malha Ferro 11. Folha da Amendoeira parece constituir uma excepção, com mais de uma centena de enterramentos (Viana, 1953). Este panorama contrasta com os *tholoi* da Estremadura onde é elevado o número de inumações (Boaventura, 2009). Em Reguengos de Monsaraz, apesar do estado fragmentado das colecções, o número mínimo de indivíduos também seria elevado, quer em Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999) quer nos Perdigões, onde o sepulcro 1 registou um número mínimo de 101 indivíduos (Valera *et al.*, 2007).

O tipo de artefactos presentes nos monumentos tipo *tholoi* do Baixo Alentejo Interior corresponde ao panorama habitual nos sepulcros do Neolítico final / Calcolítico: lâminas e pontas de seta.

Estão ausentes as grandes pontas foliáceas (alabardas e pontas de dardo), as quais surgem quase exclusivamente em necrópoles, tornando este tipo de peças em verdadeiros artefactos votivos, fabricados exclusivamente para o mundo do sagrado. Apesar de serem mais frequentes na Estremadura, próximo das áreas de aprovisionamento de sílex, também estão documentados no Alentejo, em 12 sítios (Forenbaher, 1999), nomeadamente no *tholos* Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999) e no sepulcro 1 dos Perdigões (Mendonça e Carvalho, 2016).

A presença de geométricos é residual, sendo pouco comum nestas cronologias.

3.2. Matérias-primas

Relativamente às matérias-primas, a indústria lítica dos monumentos em presente análise (tanto os produtos alongados como as pontas de seta e foliáceos) é predominantemente de sílex.

Este panorama de domínio absoluto do sílex, de origem exógena, contrasta com outros conjuntos de *tholoi* do Sul de Portugal, nomeadamente os de Reguengos de Monsaraz e Alcalar, onde se regista a presença de pontas de seta em xisto jaspoide. Nos sepulcros dos Perdigões por exemplo, o sílex é maioritário (60,4%, 66,7%), registando-se a presença de cherte, quartzo hialino, anfíbolito, diorito, jaspe (Mendonça e Carvalho, 2016).

Apesar de se ter apenas efectuado uma análise macroscópica preliminar (colaboração de Henrique Matias, a quem se agradece), deve referir-se a presença de sílex de origem exógena, da Formação Milanos (Granada, Espanha). Foram detectadas lâ-

minas com as características texturas oolíticas nos conjuntos do Monte Velho, do Cerro do Gatão e da Folha da Amendoeira.

A referida formação geológica, insere-se na Cordilheira Bética da Andaluzia, uma das regiões mais ricas em sílex na Península Ibérica, sendo das zonas de maior exportação de sílex durante o Neolítico Final e o Calcolítico (Nocete *et al.*, 2005). O sílex da Formação Milanos apresenta cores bastante variadas, sendo as mais frequentes os cinzentos, tanto claros como escuros, podendo alcançar tonalidades azuladas, castanhas ou quase negras. É frequente o sílex desta Formação possuírem uma textura oolítica, com partículas arredondadas de tamanho milimétrico claramente visíveis.

O anteriormente exposto vai de encontro à hipótese de Abel Viana e a sua equipa acerca das influências da Sudeste de Espanha. A circulação do sílex “oolítico” pressupõe uma circulação de longa distância, cerca de 500 km. No estudo da equipa de F. Nocete é referida a presença de sílex oolítico em Alcalar, Monchique, Várzea, Corte João Marques, Anta do Poço da Gateira e Olival da Pega (Nocete *et al.*, 2005). Essas classificações foram efectuadas exclusivamente através de fotografias nas publicações. Recentemente têm surgido outras referências a esta matéria-prima, nomeadamente no sepulcro dos Perdigões (Mendonça e Carvalho, 2016), no povoado do Escoural (Gomes *et al.*, 2013) e no Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves e Sousa, 2017). Será no entanto essencial proceder à realização de estudos petrográficos para comprovar estas classificações macroscópicas. Em conjuntos relativamente “modestos” como os dos *tholoi* do Baixo Alentejo Interior, é pouco compreensível a presença de uma matéria-prima tão longínqua.

Foram ainda analisadas as percentagens relativas ao córtex (ausente, vestigial ou parcialmente cortical) presente no conjunto de produtos alongados. A grande maioria dos materiais debitados não apresenta córtex (88%), com alguns artefactos parcialmente corticais (9%) e vestigiais (3%) (Figuras 4 e 5).

3.3. Os suportes alongados (Figura 7)

Do conjunto de produtos alongados em estudo, há-que primeiramente analisar a delimitação entre lâminas e lamelas. Para tal, foi utilizado o método mais frequente, com o valor limite definido nos 12 mm (Inizan, 1995), com o propósito da normalização de resultados e o fácil acesso a análises comparativas.

Apenas no monumento de A-dos-Tassos se identificou um suporte alongado com a largura máxima de 9,98 mm, sendo os restantes produtos alongados correspondentes a lâminas e grandes lâminas.

É importante referir que no monumento do Monte do Outeiro se inventariou uma lâmina com 28,41 mm de largura máxima. A largura da lâmina deste monumento apenas é ultrapassada pela única inventariada em Cerro do Gatão.

O monumento da Folha da Amendoeira apresenta cinco grandes lâminas, num conjunto de 14, com valores superiores a 20 mm de largura máxima. Regista-se ainda a presença de suportes alongados com largura superior a 20 mm no monumento do Monte Velho (1) e no de A-dos-Tassos (1).

O conceito de grande lâmina (Pelegrin, 2006), integrando exemplares de largura superior a 20 mm pode ser complementado com categorias de lâminas pequenas, médias e largas face aos conjuntos em análise (cf. Carvalho, 1995/1997), devendo ser analisado em contexto específico, uma vez que as larguras são determinadas não apenas pela tecnologia como pela própria matéria prima (Mendonça e Carvalho, 2016). (Figura 8)

Em relação às espessuras, a única lâmina de Monte do Outeiro apresenta maiores dimensões, com 9,92 mm de espessura máxima, seguida pelo monumento de A-dos-Tassos, apresentando uma das lâminas com 9,38 mm de espessura. Monte Velho é o monumento cujas medidas das espessuras apresentam menor média (a lâmina que apresenta maior espessura não ultrapassa os 8 mm e a média do conjunto mede cerca de 4,7 mm). (Figura 9)

O monumento da Folha da Amendoeira é aquele que regista as lâminas com maior comprimento, com uma média de cerca de 128 mm e com quase a totalidade das lâminas com medidas superiores a 100 mm. O comprimento máximo registado em produtos alongados neste monumento é de 197,13 mm. A qualidade destacada no conjunto de pedra lascada de Folha da Amendoeira poderá dever-se ao facto da sua proximidade com o recinto de fossos de Porto Torrão, como referido.

A única lâmina registada no monumento do Monte do Outeiro apresenta 126,48 mm de comprimento. Os *tholoi* do Monte Velho e de A-dos-Tassos registam lâminas com comprimentos superiores ao anterior, com medidas superiores a 180 mm.

Os talões são predominantemente facetados convexos (72%), seguindo-se os talões lisos (16%) e residu-

almente facetados rectilíneos (3%). As secções são maioritariamente trapezoidais (78%), seguindo-se as lâminas de secção triangular (16%) e irregular (13%). A configuração regular dos bordos e nervuras, a largura e os talões parece indicar a presença maioritária da técnica da pressão, em alguns casos com alavanca. Estima-se que os produtos alongados de largura superior a 22 mm e de perfil regular tenham sido obtidos por pressão, incluindo provavelmente o uso de alavancas (Pelegrin, 2006; Morgado Rodrigues *et al.*, 2008). Estas lâminas largas estão essencialmente presentes em necrópoles, nomeadamente em Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999), em Perdigões (Lago *et al.*, 1998) ou nas necrópoles de Los Millares. A circulação das grandes lâminas é um fenómeno que surge em toda a Europa nos finais do 4.^o milénio (Gibaja *et al.*, 2009).

	Inteiro	Proximal	Mesial	Distal	Total
Folha da Amendoeira	14				14
A-dos-Tassos	5				5
Cerro Gatão			1		1
Monte do Outeiro	1				1
Monte Velho	12				12
Total	32		1		33

Tabela 5 – Estado das lâminas.

Apesar do tipo de recolha, a maior parte das lâminas encontra-se inteira (por vezes em fragmentos mas que configuram uma peça completa). Tratam-se sem dúvida de materiais votivos. Este grau de preservação surge em outros conjuntos provenientes

Sítio	Tipo Forenbaher (1999)	Medidas (cm)				
		Comp.	Largura	Espessura	Comp. até à base	Concavidade da Base
Monte Velho	2.o Bo (base côncava)	29,77	11,81	4,1	28,83	1,69
	2.o Bo (base côncava)	32,5	14,11	4,44	28,22	3,78
Monte do Outeiro	2.o B.o (base plana)	14,93	11,68	3,33	14,93	

Tabela 7 – Medidas das pontas de seta.

Como atrás referido, a baixa frequência de pontas de seta é comum em todos os monumentos da região, à excepção do monumento de Cardim 6, onde foram identificadas 34 pontas de seta. Apesar de não existir um estudo específico para este conjunto, pode-

de escavações antigas como por exemplo em Pragais (Porto de Mós), onde a necrópole escavada por Francisco Tavares Proença Júnior registou 57 lâminas, das quais 49,1% se encontram inteiras (Sousa, 2004).

Monumento	Retoque			Total
	Obliquo	Abrupto	Rasante	
Folha da Amendoeira	5	4	5	14
A-dos-Tassos	1	4		5
Cerro Gatão		1		1
Monte do Outeiro		1		1
Monte Velho	10	2	2	12
Total	14	12	7	33

Tabela 6 – Retoque das lâminas dos monumentos em estudo.

Todas as lâminas se apresentavam retocadas. Este panorama é comum de muitos conjuntos em necrópoles, nomeadamente nos *tholoi* de Perdigões (Mendonça e Carvalho, 2016). O retoque abrange sempre os dois bordos: em 19 dos exemplares surge bifacialmente e em 15 exemplares o retoque é unifacial. O retoque abrupto é dominante. Seria interessante efectuar o estudo traceológico destas lâminas, embora a observação macroscópica e o estado de conservação (peças inteiras), pareça indicar que as lâminas em estudo nunca foram utilizadas (Figuras 10 e 11).

3.4. Projécteis

No conjunto de materiais em estudo, apenas se registaram três pontas de seta (duas no *tholos* do Monte Velho e uma no de Monte do Outeiro).

mos salientar a diversidade tipológica e de matérias-primas deste conjunto com “bases côncavas e rectas, com e sem aletas, em sílex, chert e jaspe” (Valera *et al.*, 2014, p. 86). Deve ainda ser destacada a ausência das chamadas pontas de seta alcalarenses, presen-

tes no sítio epónimo, na Andaluzia (vide o conjunto de Montelírio) e nos *tholoi* de Reguengos de Monsaraz, no Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999) e nos sepulcros dos Perdigões (Mendonça e Carvalho, 2016). Refira-se ainda a presença de geométricos: um trapézio sobre lâmina proveniente de Malha Ferro e cinco provenientes de Barranco da Nora Velha. A presença de geométricos parece indicar algum arcaísmo, o que é salientado por C. T. Silva na análise do Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Silva, 1987), onde se salienta a continuidade do espólio dos *tholoi* com os sepulcros ortostáticos do Neolítico final. A presença de geométricos em contextos funerários calcolíticos pode ter várias explicações, como práticas de oferendas memória (tal como se propõe para alguns ossos com datações antigas, vide Rocha, 2005). Deve ser referida a presença de um geométrico e lamela de dorso abatido no Penedo do Lexim (Sousa, 2010) e no Zambujal, onde foram identificados cinco geométricos (Uerpmann e Uerpmann, 2003, p. 268).

4. NOTAS FINAIS

Depois de contar e medir a pedra lascada recolhida nos monumentos tipo *tholoi* do Baixo Alentejo Interior torna-se necessário proceder à integração dos dados nas dinâmicas globais das comunidades que ocuparam este território durante o 3º milénio.

A informação disponível para o “mundo dos vivos” é muito desigual. Como referido, os *tholoi* escavados por Abel Viana e a equipa dos serviços geológicos constituíram os primeiros vestígios calcolíticos identificados na região. Posteriormente, foram efectuados trabalhos em povoados, C.T.Silva e J. Soares na área mais ocidental (Silva e Soares, 1974-76), Rui Parreira no Cerro de Castelo de S.Brás (Parreira, 1983). Recentemente, com os trabalhos de arqueologia preventiva, a informação “explodiu” sobretudo na área afectada pelos canais de rega, nos concelhos de Serpa, Beja e Ferreira do Alentejo. Infelizmente a informação disponível para os trabalhos recentes ainda não foi publicada, sendo especialmente problemático o caso de Porto Torrão, o “macro-sítio” de toda a região.

Sabemos hoje que o povoamento integra diferentes tipos de sítios: povoados abertos como Casa Branca 7 (Rodrigues, 2006), povoados fortificados como S.Brás (Parreira, 1983), sítios de fossos como Outeiro Alto (; Valera e Filipe, 2004), Porto Torrão (Ar-

naud, 1993; Valera e Filipe, 2004) ou Bela Vista (Valera e Simão, 2014) e sítios de fossos como Monte da Laje (Monteiro, 2014). Faltam datas e dados para interpretar esta complexa teia.

No que se refere à pedra lascada, podemos genericamente referir a sua escassez em contextos de fossos e fossos como Monte da Laje (Monteiro, 2014). Em Casa Branca 7, refira-se a ausência de sílex, sendo os produtos debitados essencialmente em quartzo e quartzito (Rodrigues, 2006, p. 46).

Parece assim confirmar-se que as séries de lâminas de sílex presentes nos *tholoi* correspondem a materiais de excepção, integrando-se nas redes de troca de materiais exóticos como a variscite. Deve aliás referir-se que os elementos de adorno, tão abundantes nas necrópoles estremenhas, estão praticamente ausentes destes *tholoi*. Seria importante proceder a estudos petrográficos, mas tudo parece indicar que as rotas de circulação deste sílex fossem direccionadas para a esfera do Guadalquivir, hipótese a confirmar em futuras investigações.

Importa também compreender melhor as presenças e ausências do espólio votivo dos *tholoi* do Baixo Alentejo Interior. É inquestionável a presença de materiais do fundo local, como as placas de xisto gravadas, cuja cronologia de uso e circulação termina em meados do 3º milénio (Gonçalves et al, 2014). A ausência de datações absolutas quer para muitos dos *tholoi* (apenas dois dos 15 da região), quer para os contextos de fossos, dificulta a leitura. Como referimos, a pedra lascada parece diminuir de importância nas necrópoles da segunda metade do 3º milénio, já com influências do pacote campaniforme. Este trabalho pretende ser assim uma aproximação a estas problemáticas, evocando a importância dos trabalhos de O. da Veiga Ferreira, Abel Viana, Ruy Freire de Andrade e António Serralheiro. Até hoje é muito difícil identificar *tholoi* à superfície, e o trabalho desta brigada recuperou um enorme manancial de informação a estudar e valorizar.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a disponibilidade dos directores do Museu Geológico (Prof. Miguel Ramalho) e do Museu Nacional de Arqueologia (Dr. António Carvalho) no acesso ao estudo das respectivas colecções, à empresa EDIA na disponibilização de dados relativos aos trabalhos de arqueologia preventiva (Dr. Miguel Martinho) e à extensão de Castro Verde

da Direcção Regional de Cultura do Alentejo (Dra. Manuela de Deus) pelas informações. Ao Professor Victor S. Gonçalves pelas fotografias das lâminas de Folha de Amendoeira.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, José Morais (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. Aljustrel. *Vipasca*. 2. Câmara Municipal de Aljustrel. pp. 51-61.

BOAVENTURA, Rui (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. 2 vol.

FORENBAHER, Stašo (1999) – Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic. Oxford: *Archaeopress*, (BAR. International Series; 756).

GARCIA SANJUAN, Leonardo; LOZANO RODRIGUES, José António; SANCHEZ LIRANZO, Olga; GIBAJA BAO, Juan; ARANDA SÁNCHEZ, Victoria (2016) – La industria lítica del *tholos* de Montelirio. In FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; DÍAZ-ZORITA BONILLA, Marta (2016) – Montelirio: Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre. Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.

GIBAJA, Juan; TERRADAS, Xavier. eds (2009) – Les grands fulles de sílex. Europa al final de la Prehistoria. *Monografias* 12. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya. 132 p.

GOMES, Mário Varela; NINITAS, João; BORRALHO, Rita (2012/13) – Artefactos líticos do povoado calcolítico do Escoural (Montemor-o-Novo). *Almansor*, 2. Série, 10, pp. 5-60.

GONÇALVES, Victor S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ. 2 vols. 1º vol: 566 pp, incluindo mapas, figuras e outras ilustrações, para além de extra-textos; 2º vol: 252 estampas (desenhos e fotografias).

GONÇALVES, Victor S.; ANDRADE, Marco; PEREIRA, André (2014) – As placas votivas (e o báculo) da gruta da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, pp. 109-158.

HENRIQUES, Fernando J. Robles; SOARES, António M. M.; ANTÓNIO, Telmo F. A.; CURATE, Francisco; VALÉRIO, Pedro; ROSA, Sérgio P. (2013) – O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias (2013). In *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. pp. 319-355.

LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António F. (1998) – Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45-151.

MARTINS, Artur M. G. (2014) – *Megalitismo na região de Ourique (Portugal): um conjunto megalítico esquecido*. Huelva: Universidade de Huelva. 2007/2008. Tese de Mestrado em Património Histórico y Natural apresentado no Departamento de Historia I da Universidade de Huelva.

MEDINA, Águeda Lozano; JIMÉNEZ, Gonzalo Aranda (2017) – La Temporalidad de las Sepulturas Megalíticas Tipo Tholos Del Sur De La Península Ibérica. *SPAL* 26, pp. 17-31.

MENDONÇA, Margarida CARVALHO, António Faustino (2016) – A componente em pedra lascada dos monumentos funerários 1 e 2 do complexo arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, Lisboa, NIA-ERA, pp.33-45.

MORGADO RODRIGUEZ, António; PELEGRIN, Jacques; MARTINEZ FERNANDZ, Gabriel; AFONSO MARRERO, José Andrés (2008) – La production de grandes lames dans la Peninsule Ibérique (IV-III millénaires). In DIAS MEIRINHO, M.-H. ; LÉA, V.; GERNIGON, K.; FOUÉRÉ, P.; BRIOIS, F.; BAILLY, M., ed. lit. – Les industries lithiques taillées des IV^e et III^e millénaires en europe occidentale: colloque international, Toulouse 7-9 avril, 2005. Oxford: John and Erica Hedges Ltd., (BAR. International Series; 1884).

NOCETE, Francisco; SÁEZ, Reinaldo; NIETO, José M.; CRUZ.AUÑON, Rosário; CABRERO, Rosario; ALEX, Esther; BAYONA, Moisés (2005) – Circulation of silicified oolitic limestone blades in South-Iberia (Spain and Portugal) during the third millenium BC : an expression of a core / periphery framework. *Journal of Anthropological Archaeology*. 24, pp. 62-81.

PARREIRA, Rui (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa), relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.4:1, pp. 149-168.

PELEGRIN, Jacques (2006) – Long blade technology in the Old World: an experimental approach and some archaeological results. In Apel, J.; Knutsson, K. (eds.) – Skilled production and social reproduction. Aspects of traditional stone tool technologies, Uppsala: Uppsala University (*Stone Studies*; 2), pp. 37-68.

PELEGRIN, Jacques; MORGADO, António (2007) – Primeras experimentaciones sobre la producción laminar del Neolítico reciente – Edad del Cobre del sur de la Península Ibérica. In Ramos, M. L.; Gonzalez, J. E.; Baena, J., (eds.) – Arqueología experimental en la Península Ibérica. Investigación, didáctica y patrimonio. Santander. *Asociación Española de Arqueología Experimental*, pp. 131-139.

ROCHA, Leonor (2005) – *Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: [s.n.], Tese de Doutoramento em História (Arqueologia) apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Texto Policopiado.

RODRIGUES, Ana Filipa (2006) – *Casa Branca 7: um povoado na transição do 4.º para o 3.º milénio a.C. na margem*

- esquerda do Guadiana (Serpa). Dissertação de Mestrado em Pré História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- SERRALHEIRO, António Correia; ANDRADE, Ruy Freire (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 503-515.
- SCHUBART, Hermanfrid (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro nos arredores de Aljustrel. In *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75:14, pp. 195-204.
- SERRALHEIRO, António Correia; ANDRADE, Ruy Freire (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, p. 45.
- SILVA, Carlos T. (1987) – Megalitismo do Alentejo Ocidental e do sul do Baixo Alentejo (Portugal). Madrid. *El Megalitismo en la Península Ibérica*, pp. 85-93.
- SILVA, Carlos T. (2008) – Octávio da Veiga Ferreira e o estudo do megalitismo da Serra de Monchique e do Baixo Alentejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 16, pp. 301-316.
- SILVA, Carlos T.; SOARES, Joaquina (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, pp. 179-272.
- SOARES, António M. (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 33-51.
- SOUSA, Ana Catarina (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. In FRANCISCO Tavares Proença Júnior: catálogo. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004. pp. 90-111.
- SOUSA, Ana Catarina (2016) – Megalitismo e Metalurgia. Os *Tholoi* do Centro e Sul de Portugal. In. In SOUSA, A.C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Água e Terra, Colher Sementes, Invocar a Deusa. Livro em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: UNIARQ. pp. 209-242.
- UERPMANN, Hans.-Peter; UERPMANN, Margareth (2003) – Zambujal: die stein und beinartefakte aus den Grabungen 1964 bis 1973. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, (Madri-der Beiträge; Bd. 5).
- VALERA, António C. (2010) – Gestão Da Morte no 3º Milénio aC no Porto Torrão (Ferreira Do Alentejo): Um Primeiro Contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa, 5, pp. 57-62.
- VALERA, António C.; FILIPE, Iola (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28-61.
- VALERA, António C.; FILIPE, Victor (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5. NIA-ERA Arqueologia. pp. 49-56.
- VALERA, António C.; GODINHO, Ricardo (2009) – A Gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): Novos Dados, Novos Problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 371-387.
- VALERA, António C., LAGO, Miguel, DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. N.º 2, Lisboa: ERA Arqueologia / Ed. Colibri, pp. 84-105.
- VALERA António C., LAGO Miguel, DUARTE Cidália, DIAS Maria I., PRUDÊNCIO Maria I. (2007) – Investigação no Complexo Arqueológico dos Perdígões: Ponto de situação de dados e problemas. In: N. F. Bicho, H. Veríssimo (Eds.): *Do epipaleolítico ao calcolítico na Península Ibérica: actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Universidade do Algarve, Faro, pp. 53-66.
- VALERA, António; SANTOS, Helena; FIGUEIREDO, Margarida; GRANJA, Raquel (2014) – Contextos Funerários na Periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva: O Plano de Rega (2002-2010). *Memórias d’Odiva* 2.ª Série: Estudos Arqueológicos do Alqueva. 11 pp.
- VALERA, António Carlos; SIMÃO, Inês (2014) – O recinto de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja): enquadramento, arquiteturas e contextos. Um recinto do Final do 3º Milénio a.n.e. (Vidigueira, Beja). *Era Monográfica*. Nº 2. pp. 9-32.
- VIANA, Abel (1953) – O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo). *Zephyrus*, IV, Salamanca, pp. 37-62.
- VIANA, Abel; ANDRADE, Ruy F. de; ZBYSZEWSKI, George; SERRALHEIRO, António S. C.; FERREIRA, Octávio da V. (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. In *Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, pp. 197-213.
- VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da Veiga; ANDRADE, Ruy F. de (1960) – O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias). In *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70:12, pp. 21-50.
- VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da V. (1961) – Um túmulo de tipo alcarense nos arredores de Aljustrel. In *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71:34, pp. 247-254.
- VIANA, Abel; ANDRADE, R. F. de; FERREIRA, Octávio da V. (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*.

VIANA, Abel; ANDRADE, Ruy F. de; FERREIRA, Octávio da V. (1961) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. In *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71:12, pp. 5-12.

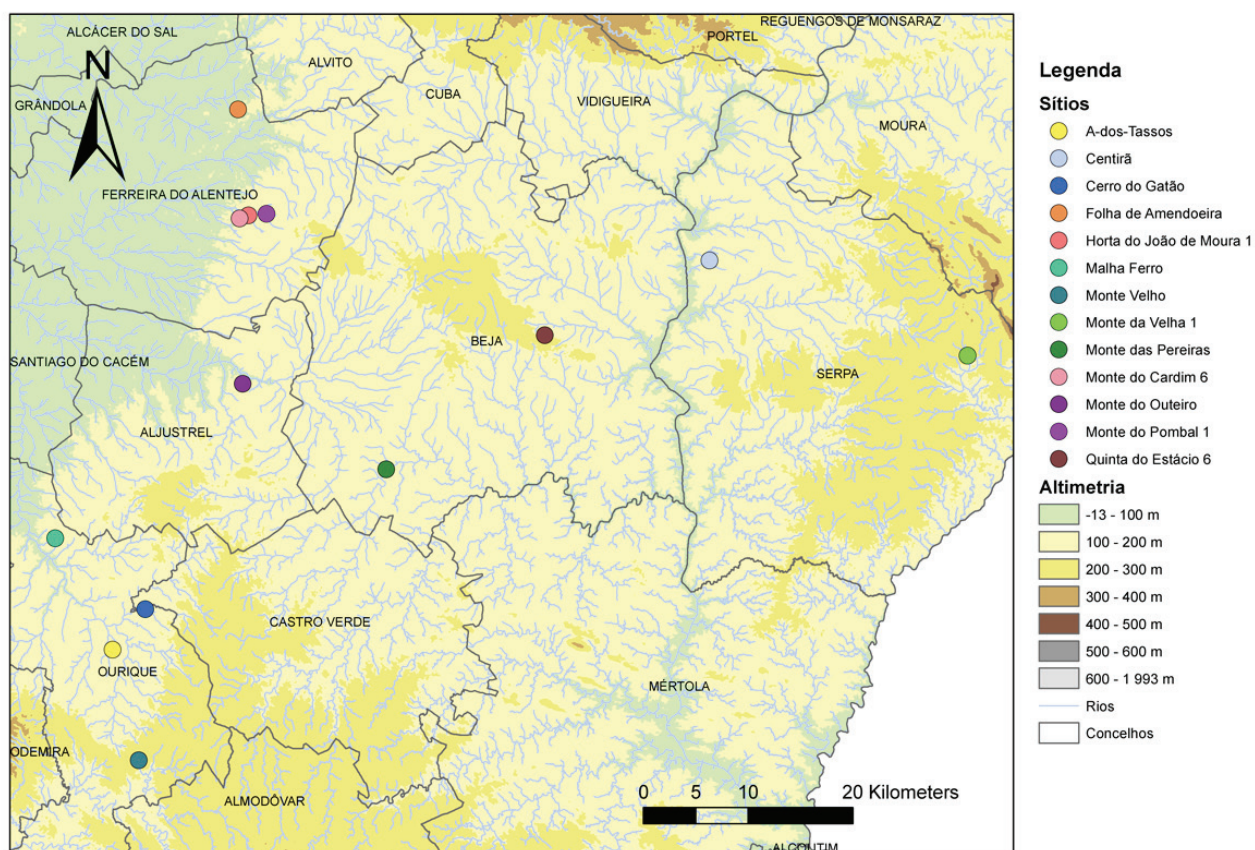


Figura 1 – Mapa de localização dos monumentos em estudo.

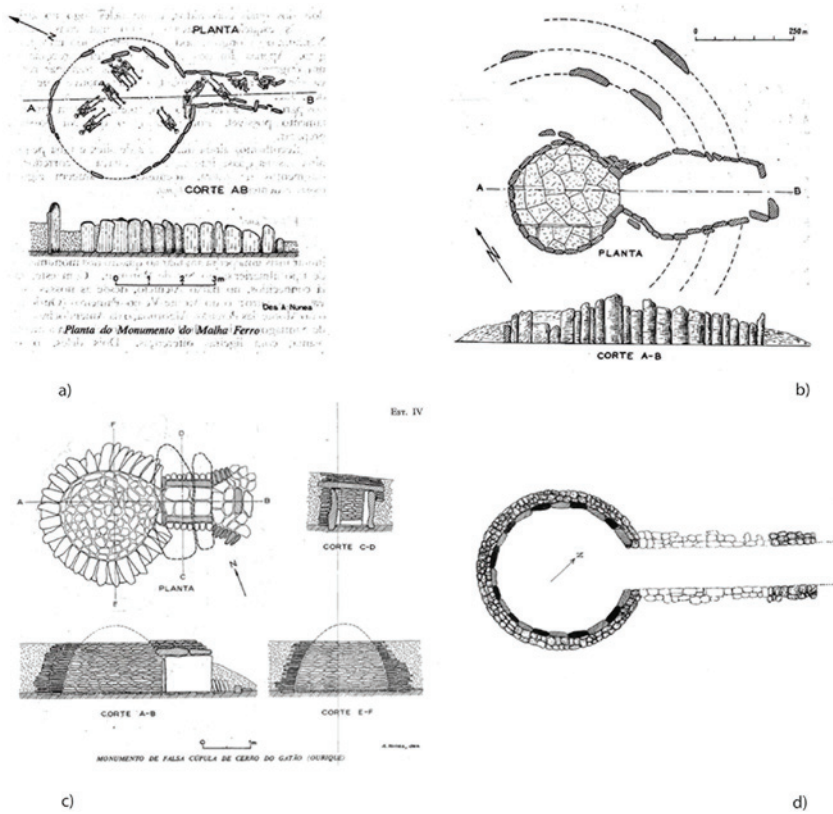


Figura 2 – Plantas dos *tholoi* de Malha Ferro (a), Monte Velho 1 (b), Cerro do Gatão (c) e Folha da Amendoeira (d) (Viana 1953, 1959, 1960, 1961).

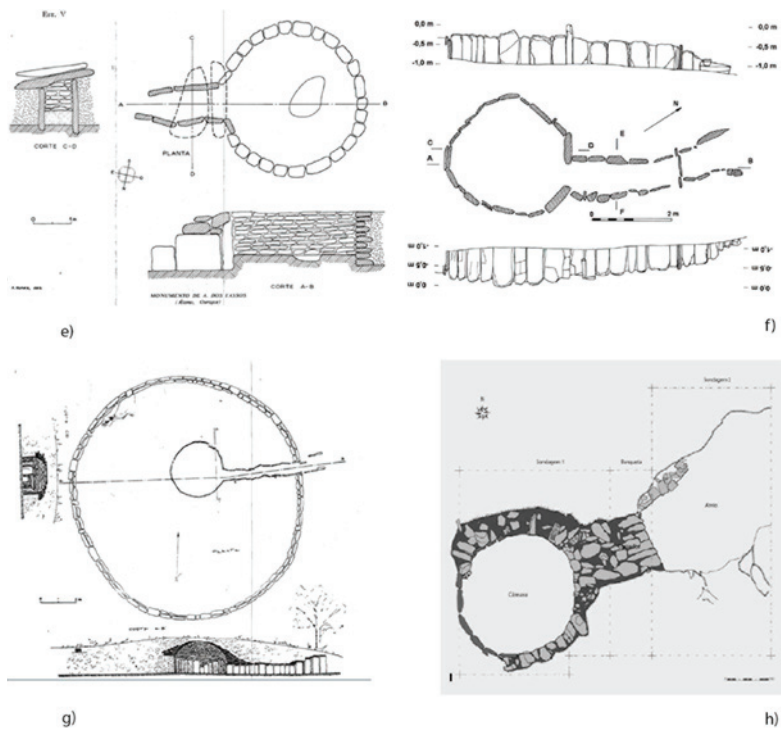


Figura 3 – Plantas dos *tholoi* de A-dos-Tassos (e), Monte do Outeiro (f), Monte da Velha 1 (g) e Centirã 2 (h) (Viana, 1961; Soares, 2008; Henriques, *et al.*, 2013).

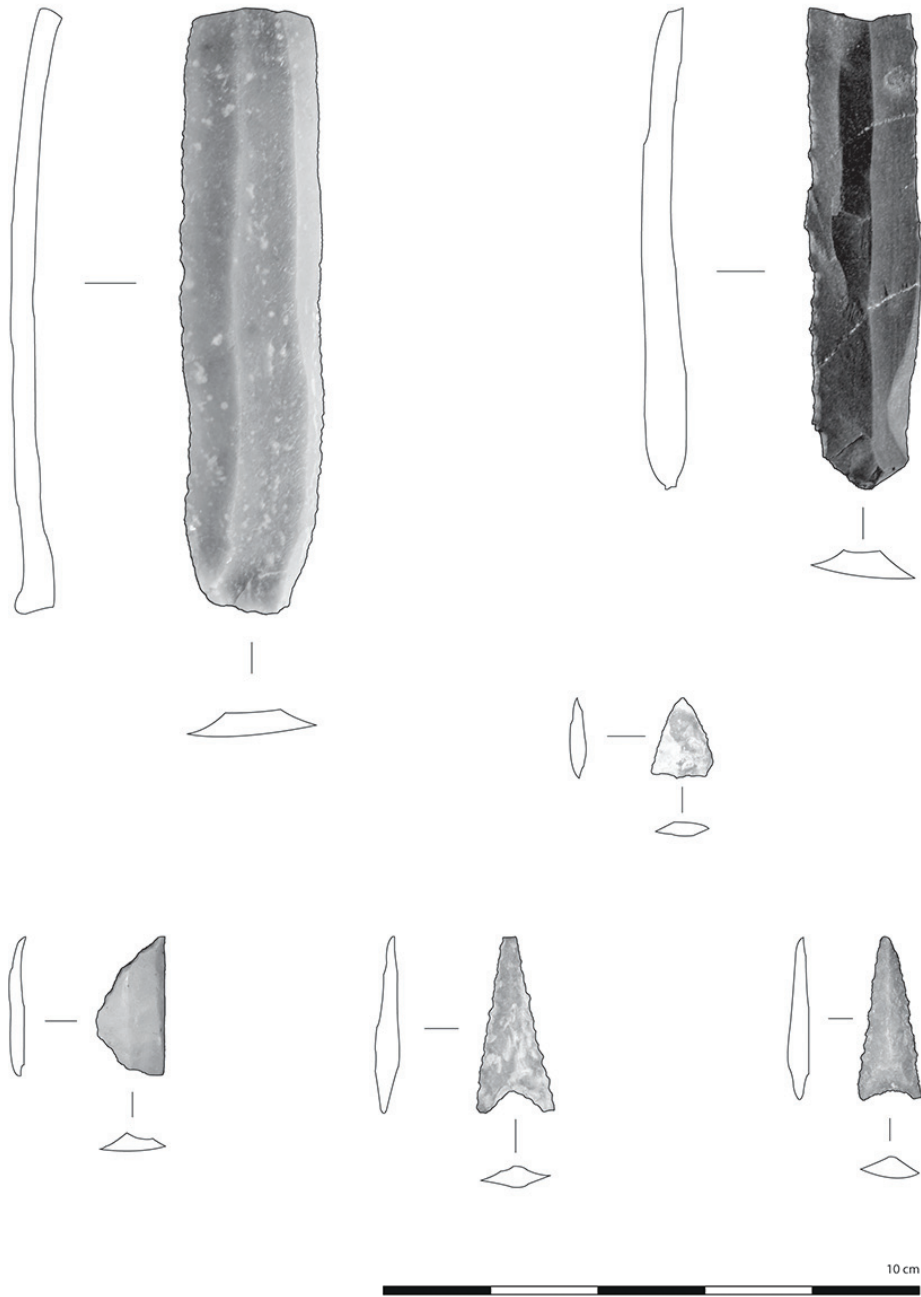


Figura 4 – Lâminas de Folha da Amendoeira; ponta de seta de Monte do Outeiro; trapézio de Malha Ferro; pontas de seta de Monte Velho.



Figura 5 – Lâminas de Folha da Amendoeira (fotografia de Victor S. Gonçalves).



Figura 6 – Lâminas de Folha da Amendoeira (fotografia por Victor S. Gonçalves).

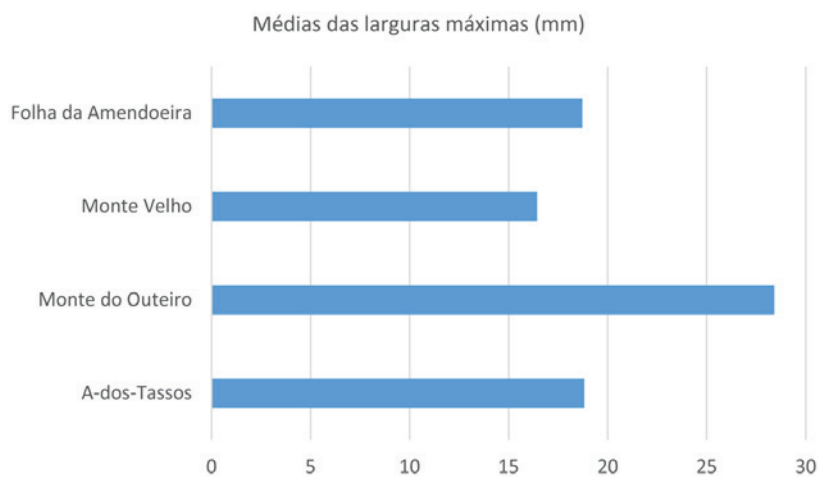


Figura 7 – Médias das larguras dos produtos alongados em estudo.

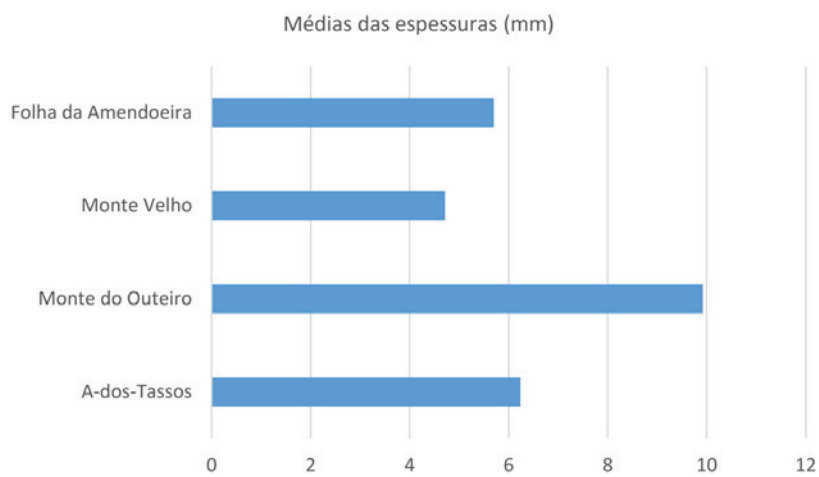


Figura 8 – Médias das espessuras dos produtos alongados em estudo.

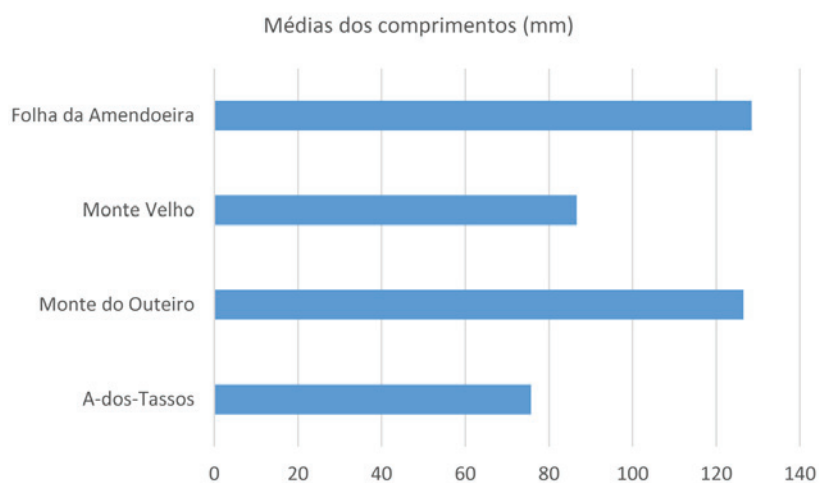


Figura 9 – Médias dos comprimentos dos produtos alongados em estudo.

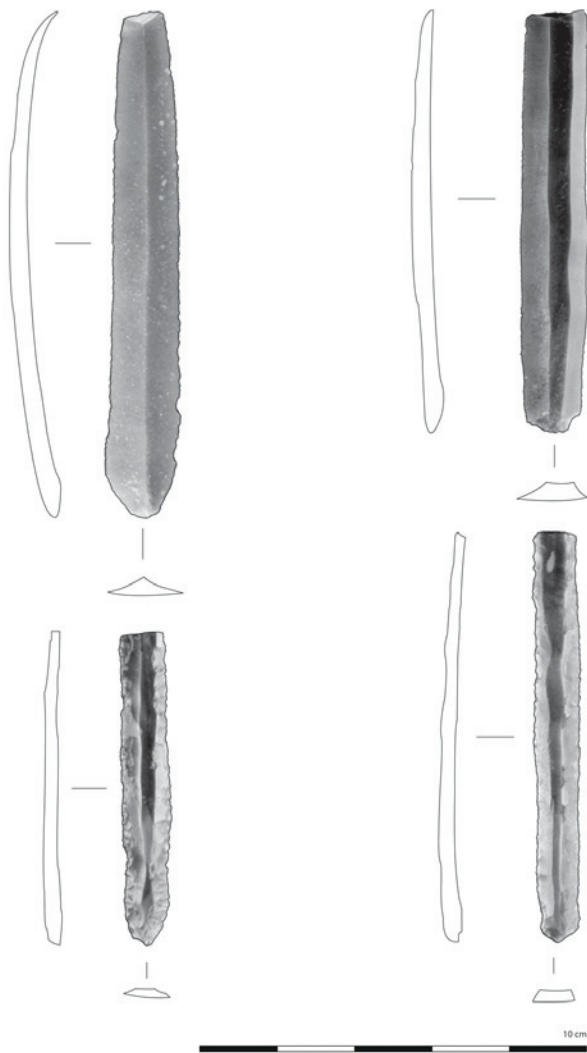


Figura 10 – Lâminas de Folha da Amendoeira.

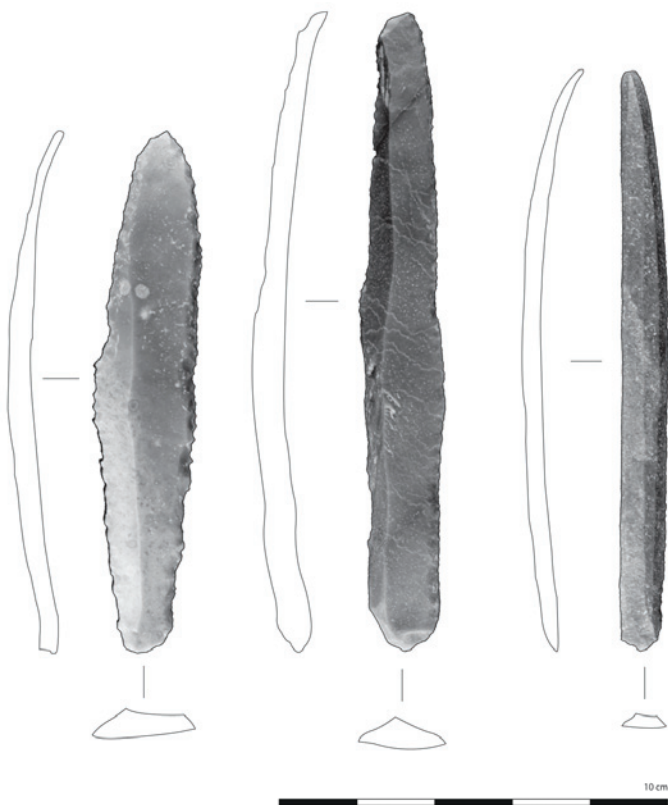


Figura 11 – Lâminas de Folha da Amendoeira.

